

COVID 19 NA AMAZÔNIA MARAJOARA: COMPLEMENTARIDADES E ENTRELAÇAMENTOS DA REGIÃO COM MAIOR VULNERABILIDADE SOCIAL DO BRASIL E O APROFUNDAMENTO DA CRISE SANITÁRIA

Eunápio Dutra do Carmo¹

Introdução

Em janeiro de 2020, dois meses antes de o país declarar o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, uma imagem soltou aos olhos nas ruas do município de Breves no Arquipélago do Marajó (Estado do Pará): um carregador puxava seu carro de madeira contendo três níveis de volume em mercadorias, lembrando uma grande torre dado o tamanho e quantidade de caixas e objetos. Além da precarização socioeconômica motivada por um número crescente de pessoas na informalidade, há uma violência espoliadora nessa imagem provocada pelos mecanismos de reprodução da desigualdade social na região, centrada na dissipação dos direitos humanos. Esse carregador, que tem como principal renda fazer carretos no Porto de Breves, ficou sem demanda de serviço em razão das restrições provocadas pelo isolamento social decorrente da crise sanitária que assolou o Brasil e o mundo. O município de Breves, considerado a capital econômica do Arquipélago do Marajó, está entre os 10 municípios

1 Docente da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Marajó-Breves). Pós-Doutor em Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA), Doutor em Educação (PUC-Rio). Coordena o Programa Redes de Comunidades Ribeirinhas, membro do Grupo de Pesquisa Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados na Amazônia e integrante da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia.

com menores IDH do Brasil (IBGE-IDH, 2010) condição que colaborou para, rapidamente, o município ter sido considerado em abril de 2020: a capital de contaminação de COVID-19 no Brasil (GI-PARÁ, 2020). Breves teve 24% da população contaminada em pouco menos de 20 dias, número que obrigou o governo estadual a decretar *lockdown* no período de 07 a 17 de maio de 2020². Neste trabalho, será analisada as implicações da pandemia do COVID-19 no município de Breves, como caso emblemático da região marajoara. Além das fontes secundárias aqui tratadas advindas de entidades e institutos de pesquisa, também foram fundamentais os relatórios do Observatório do Marajó. Todas integradas à linha de reflexão interdisciplinar dos campos da sociologia, da saúde coletiva e da história que caracterizam a abordagem crítica do artigo.

Desigualdade Social e Crise Sanitária em Breves

O entrelaçamento (desigualdade social e crise sanitária) constatou, mais uma vez, que a região marajoara continua vilipendiada pelo modelo econômico concentrador de renda e riqueza e aprisionada em uma narrativa que disputa as subjetividades em dois eixos: continuar a pressão devastadora do capital sobre as florestas de várzea e a luta pela sobrevivência das comunidades ribeirinhas e pela floresta em pé. O ataque às florestas e as comunidades ribeirinhas geram intensos conflitos ambientais e graves e permanentes problemas sociais. Tais problemas também são co-responsáveis pelas causas que explicam o colapso sincronizado do sistema de saúde (municipal) que é tão assustador quanto a sua histórica precarização. A desigualdade social em saúde instaurada é resultante da herança moderno-colonial em que os processos sociais e econômicos hegemônicos detém mecanismos de produção de invisibilidade e apagamentos estruturalmente concebidos. Se o passado

² Sobre a gravidade da pandemia no município, o relatório técnico da UFPA- CUMB afirma: “O panorama de Breves permanece em situação preocupante. Apesar de os indicadores estarem melhores do que em períodos anteriores, a incidência de casos confirmados (casos novos acumulados a cada 10.000 habitantes) é maior do que a incidência nacional e regional, sendo menor apenas que a incidência estadual. Em relação à incidência de óbitos, o indicador de Breves supera os indicadores nacional, estadual e regional” (UFPA/CUMB, 2020).

colonial-escravocrata nos faz compreender porque 1% da população brasileira concentra 80% da riqueza nacional (OXFORD, 2021), o futuro, forjado a partir das primeiras décadas do século XXI, ainda mantém o mesmo diapasão de desenvolvimento desigual combinado com destruição ambiental e apagamento de subjetividades, em especial, dos povos da floresta.

A determinação social do processo saúde-doença (GARBOIS; SODRÉ; DALBELLO-ARAUJO, 2021) tem no contexto acima exposto aspectos do poder econômico, político e militar do sistema capitalista mundial como vetores estruturais construídos nos últimos séculos pela narrativa do desenvolvimento. Nessa direção, considerando a Amazônia Marajoara, há doenças endêmicas derivadas dos históricos ciclos econômicos de saque, exploração e espoliação dos territórios das florestas de várzea (borracha, arroz e madeira) que foram creditados como “ciclos de desenvolvimento”. Como assinala Castro (2017), as Amazônias, como fronteira do capital, tiveram os povos da floresta dizimados e o meio-ambiente destruído, ambos entendidos como externalidades do desenvolvimento e crescimento econômico, próprios dos planos federais idealizados hierarquicamente para a região desde meados do século XX (CASTRO, 2017). Por essa razão, a acumulação do capital foi *vis-à-vis* à terra arrasada com destaque para o “efeito-derrame” (GUDYNAS, 2016) no corpo-território resultado da exploração desenfreada dos recursos naturais. A esse respeito cabe destacar, a relação saúde e meio-ambiente numa perspectiva interdisciplinar e transescalar em que a particularidade histórica de Breves, como uma cidade de transposição e base para comercialização de commodities ao mercado internacional, explica a razão pela qual o município tem considerados índices de doenças como malária, infecção de veiculação hídrica ou relacionada do contato com a água (febre tifoide e gastroenterites).

O direito à saúde e a sua territorialidade é a maior reivindicação das populações das águas que vivem na região com a maior ilha fluviomarítima do mundo. Isso implica em considerar a determinação social da saúde como resultado dos aspectos socioeconômicos e culturais no plano macro, bem como das relações interpessoais e individuais dos ribeirinhos e da maneira como essas relações se inscrevem no cotidiano (plano micro) das comunidades da beira do rio, ou seja, como trabalham, geram renda, como acessam bens e serviços,, conhecer hábitos mais marcantes e formas de associação e organização social (GARBOIS; SODRÉ; DALBELLO-ARAUJO, 2021). Tanto a dimensão macro como a micro forjam à complementariedade entre as zonas urbana e rural de Breves, mas não sem considerar que na sede do município (zona urbana) concentra-se os serviços de saúde, educação e transporte e na zona rural, os riscos, danos e problemas socioambientais com a forma predatória de exploração das florestas de várzea da região somado à imigração que crescia em decorrência das ocupações diretas ou indiretas relacionadas às atividades madeireiras. A malária exemplifica bem essa realidade na medida em que é uma das doenças endêmicas resultantes desse processo que continua afligindo comunidades ribeirinhas e população marajoara em geral. A ausência de políticas em saúde adequadas e a permanente precarização da infraestrutura em saúde somam-se aos aspectos macro/micro que, por sua vez, revelam uma grande vulnerabilidade social, exposta pela falta de equidade em saúde na região, agravando os problemas que atingem diretamente a qualidade de vida da população.

Este quadro histórico de desigualdade social em saúde foi aprofundado com a pandemia. Foi possível observar as múltiplas expressões da questão social (IAMAMOTO, 2014) sendo exacerbadas, interferindo no processo saúde-doença. Dentre elas, destaca-se a ausência de renda, insegurança alimentar, baixíssima cobertura de esgoto sanitário

e de água potável. Como avalia Luti Guedes do Observatório do Marajó³ “o Marajó ilustra com clareza o projeto político de vulnerabilização das populações rurais do Brasil profundo” (GUEDES, 2020). Sobre isso, o importante trabalho feito pelo Observatório aponta que os moradores negros e ribeirinhos da zonal rural são os que mais sofrem com a pandemia. Trata-se portanto do “aprofundamento das desigualdades sociais” e da “intensificação das vulnerabilidades históricas”. Os grupos mais vulneráveis são as comunidades ribeirinhas e populações periféricas dos municípios do Marajó Ocidental. Entre elas, as vilas ribeirinhas localizadas bem distante da sede da cidade Breves (zona urbana onde se localiza os únicos hospitais do município). Os moradores dessas vilas deslocam-se horas pelos rios e furos (braços de rios) para ter acesso aos serviços hospitalares. No entanto, muitos não conseguem fazer esse deslocamento seja pela dificuldade de transporte ou então pelo custo da gasolina e passagem. As pessoas infectadas teriam que se deslocar por horas, alguns casos, dias para serem atendidas em Breves. Sobre o tema, importante destacar:

Cada morte registrada por coronavírus no Marajó é, antes, provocada pelo projeto político de desenvolvimento que permite a interrupção de vidas humanas em circunstâncias evitáveis. São mortes anunciadas nos programas de governo e nos gabinetes do poder que historicamente se alternam mas que constantemente optam por não se comprometer com as populações negras, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, extrativistas e pescadoras (GUEDES, 2020).

Considerações Finais

A chave explicativa à luz da questão colonial aponta que as complementariedades entre os colapsos social e da saúde e os históricos processos de destruição socioambiental são resultados do modelo econômico hegemônico na região que concentra renda e devasta o meio-ambiente. A estrutura predatória que assola a região, decorrente da

³ O caderno do Marajó aponta as complexas questões que envolvem a pandemia na região com o agravante da extrema desigualdade social (OBSERVATÓRIO DO MARAJÓ, 2020).

economia capitalista, dessa vez foi decisiva para a agudização das violações de direitos (insegurança alimentar, desemprego, precarização em saúde, doenças endêmicas e déficit educacional), atingindo, em especial, comunidades ribeirinhas na zona rural, onde está concentrada a maior parte da população marajoara e os maiores atingidos na pandemia. O conjunto dessas situações revela as múltiplas expressões da questão social na região e, ao mesmo tempo, a ausência de políticas públicas territorializadas numa região onde avança, em escala exponencial, a extrema pobreza.

Referências

CASTRO, Edna Maria Ramos de (org.). **Territórios em transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistências**. Belém: NAEA, 2017.

GARBOIS, J. A.; SODRÉ, F.; DALBELLO-ARAUJO, M. Da noção de determinação social à de determinantes sociais da saúde. In: **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, N. 112, 2017

G1-PARÁ. Em Breves, no PA, 1 a cada 4 moradores foi infectado por Covid-19, aponta estudo. **Jornal Liberal**, 25 maio 2020. Disponível em: www.g1.globo.com. Acesso em 20 jun. 2020.

GUEDES, Luti. A covid-19 na ilha da desigualdade. In: COLABORA, 23.06.2020. Disponível em <https://projetocolabora.com.br/ods11/a-covid-19-na-ilha-da-desigualdade/>. Acesso em 12 mar. 2021

GUDYNAS, E. “Extractivismos en America del Sur: conceptos y sus efectos derrame”. In: A. Zhouri, P. Bolados, E. Castro (eds.), **Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais**. São Paulo: Ed. Annablume. 2016, pp. 23-43.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Censo Demográfico, 2019 (atualizado). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 18 abr. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PIB dos Municípios: **IBGE CIDADES**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/breves>. Acesso em: 05 de fev. 2021.

OBSERVATÓRIO DO MARAJÓ. **Cadernos do Marajó** – 40 dias de Marajó com coronavírus, 2020. Disponível em <https://www.observatoriodomarajo.org/40diasmarajocovid19>. Acesso em 30 de jan. 2021

OXFORD. **Relatório Anual 2021**: O vírus da desigualdade. Disponível em https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/o-virus-da-desigualdade/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=search_davos2021_grants&utm_content=ads2&gclid=Cj0KCQjwi7yCBhDJARIsAMWFScN0gzB8KrAmBTnfGrEZjUXNhoaOTCQdZNe6wEmt9BIPXXJmhLGUp. Acesso em 10 de mar 2021.